

# LITERATURAS AFRICANAS

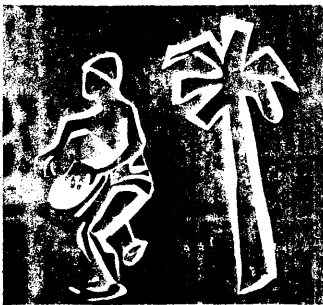
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: CABO VERDE E ANGOLA

Vida e Cultura [Luanda]  
 Nº 154, 1/7/1964: 2-4

MARIA APARECIDA SANTILLI

## POE- MAS

agostinho neto



Se a "Sémana de Arte Moderna" e todo o largo leque do modernismo brasileiro já têm sido bem avaliados, entre nós, suas repercussões nas outras literaturas de língua portuguesa, ainda, não estão devidamente ponderadas.

Quanto ao estímulo do modernismo brasileiro para o embalo das contemporâneas, literaturas africanas de expressão portuguesa, anunciam-no, praticamente em unanimidade, os depoimentos dos escritores caboverdianos e angolanos, alguns dos quais aqui se arrolarão. E de testemunhos publicados pelos próprios artistas de Cabo Verde e Angola irradia o assentimento prazeroso quanto a essas aproximações, como se instauradoras de uma confraternização literária entre povos que, então, já não alcançavam apenas a catarse da ânsia de libertação nacional, mas que encontravam sua hora de exorcizarem-se das dependências de colonizados.

Amílcar Cabral, nos "Apontamentos sobre Poesia Caboverdiana", editados pela primeira vez no *Boletim de Propaganda e Informação* em 1952 registou a importância do momento em que a intelectualidade caboverdiana, ao passar de São Nicolau para a cidade de Mindelo, à beira do Porto Grande, punha-se em contacto mais amplo com o mundo, de cujas mudanças pôde, melhor, dar-se conta. E, a propósito, comenta a transformação operada no seio dessa "inteligência", admitindo que teria resultado principalmente de tal contacto, em especial com a literatura metropolitana e brasileira, influência que se constituía em "mudar as directrizes da poesia caboverdiana. O Poeta, em vez de olhar para as nuvens", deveria "buscar o sentido da sua poesia na realidade em que vive".

Por sua vez, o prosador António Aurélio Gonçalves, ao tratar dos "Problemas da Literatura Romanesca em Cabo Verde", buscando explicação de "certos traços da fisionomia das letras de Cabo Verde", anunciou o facto de que o modernismo brasileiro aportava lá. E, como ponto de vista da maioria, acerca de origens das experiências de uma literatura que tentava os primeiros voos, manifesta a crença de essas origens situarem-se "na descoberta de certos valores (valores, no sentido de personalidades, tanto como no de ideais estéticos) da geração de escritores brasileiros, que conta os nomes de José Lins do Rego, Jorge de Lima, Erico Veríssimo, Jorge Amado e outros romancistas e poetas". "O seu portavoiz tem sido a tão falada revista *Clareza*. Esta é a receptadora imediata das sugestões brasileiras, afirmação que pode ser comprovada, principalmente com o conteúdo dos seus três primeiros números. Para a sua saída, concorreu, sem dúvida, o entusiasmo despertado pelas inovações dos brasileiros da década dos noventa e trinta".

Outro ensaísta e ficcionista, além de historiador e antologista, Manuel Ferreira, ao examinar a fase de autoafirmação da literatura caboverdiana, não só entendeu sua ligação com o Brasil porque país semelhante a Cabo-

Verde "nas estruturas", "na sua formação social", "no seu contexto racial", como também porque já com vários romancistas, poetas, sociólogos capazes de servirem de catalizadores às energias acumuladas pelos intelectuais caboverdianos mais atentos e dispostos à reformulação cultural". E, quando analisa *A Aventura crioula*, detém-se nas relações entre a revista *Clareza* e a literatura brasileira, remembering, inclusivê, as declarações de Baltazar Lopes sobre o rodízio dos livros brasileiros que chegavam às mãos dos escritores caboverdianos: os de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Armando Fontes, de Marques Rebelo. Baltazar Lopes revelara como em "poesia foi um alubrimento a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, que, salvo em um ou outro pomenor", o escritor caboverdiano "visualizava com as figuras dramáticas" na "vila da Ribeira Brava". Outro alubrimento lhe teria sido Jorge de Lima da "Negra Fuk", do "Menino impossível", da "Túnica inconsútil".

Dessa afeição histórica à prática poética de Baltazar Lopes, não vai diferença. Entre os poemas que publica com o pseudónimo de Osvaldo Alcântara, aparece o "Romanceiro de São Tomé", onde o poeta regressa às origens, às raízes caboverdianas, pela recuperação do passado como o Manuel Bandeira do, poema de suas simpatias, ou mesmo pela pronta transposição empática do lirismo brasileiro, nos versos em que cantou "A Serenata":

"Vestida de gemidos de bordão, / lancinâncias de violino, / na noite parada / vem descendo a serenata. / Sumiu-se a cidade barulhenta / inimiga das crianças e dos poetas. // Uma voz canta sentimentalmente um samba. // Os cavaquinhos desmaiam de puro sentimento, / a cidade morreu lá longe, / e a lua vem surgindo cor de prata. / Nessa história de amor todos são iguais, / até rei volta sua palavra atrás. // O meio tom brasileiro deixa interrogativamente a sua nostalgia. // ... "Passa a serenata. / Mas no coração dos que temem a primeira luz do dia que vai chegar / ficam os gemidos do violão e do cavaquinho, / vozes crioulas neste noturno brasileiro / de Cabo Verde".

Da mesma maneira que Osvaldo Alcântara / Baltazar Lopes, outro poeta caboverdiano, Jorge Barbosa, iria ensaiar seus passos literários na redescoberta das raízes nacionais e não sem antes ter navegado pelos mesmos mares poéticos em que se transportava, há séculos, a cultura do colonizador para o colonizado, da Europa às ilhas solitárias do médio Atlântico. Cruzara seu caminho, entretanto, José Osório de Oliveira que, de passagem por Cabo Verde vindo do Brasil, daqui levava uma bagagem especial, arrumada em sua convivência com os paulistas de 22. Jorge Barbosa lera para José Osório um poema a que dera o título "O banho de Diana". E José Osório, surpreendido, confessava: "Eu olhava em volta, e via as montanhas nuas como ossos, aquela terra que grita de sede desde do dia em que surgiu das estranhas do globo, e, em face, o mar ou

menos assim: Então você é filho de Cabo Verde; vive aqui, neste pedaço doloroso da terra; nunca viu delícias do mundo que é o Mediterrâneo, nem sabe o que é a doçura de uma fonte, e põe-se a cantar esse tema, tratado por tantos poetas e que só por sugestão literária pode sentir, quando tem aqui, a seu lado, uma paisagem e um povo cujo drama está a pedir uma voz que o interprete para se fazer escutar".

Não foi em vão a interferência de José Osório, embora tonalizada por uma perspectiva ainda europeizante: o caboverdiano Jorge Barbosa, com os brasileiros de 22 e seus continuadores, acabou por exercitar a leitura da realidade caboverdiana com lentes próprias, pelo corte arqueológico das camadas culturais de seu país, revolvendo os escaninhos da memória nacional. Como testemunho dessa visão liberada pelo menos dos toques do maravilhoso e do exótico, típicos da literatura dos viajantes com pássaporte europeu e fruto da surpresa, do estranhamento de sua cultura às culturas africanas, Jorge Barbosa apresenta, em 1935, os poemas de estreia na demanda de uma poesia nacional, com o título de *Arquipélago*. "A estes se seguiriam os de *Ambiente* e, por fim, os de seu último livro, *Caderno de um ilhéu* no qual chega a compôr um poema — "Carta para Manuel Bandeira" e dois outros congêneres para o Erasil, o primeiro ac cuidado de Gilberto Freire e o segundo com carga para Ribeiro Couto (a quem o caboverdiano Manuel Lopes, de *Crioulo e outros poemas* também ofereceria dois).

Na "Carta para Manuel Bandeira", Jorge Barbosa, declarado leitor de um só poema do escritor brasileiro, aspira a resolver a tensão poética instaurada por Bandeira, a encontrar um epílogo feliz para o percurso do mano-poeta na busca de sua estrela da manhã, como a quer: consumar na poesia de lá o que não se solucionasse na poesia de cá.

Na "Carta" de caboverdiano morabeza "para o Brasil", em que o poeta de lá se apresenta, via Gilberto Freire, aos do Atlântico de cá. Instituiu-se os pontos de referência por ele imaginados no Brasil, para a comparação por similaridade com Cabo Verde, ou seja, por analogia com Cabo Verde, desenha-se um Brasil que o poeta caboverdiano pressupõe só alcançar liricamente, onde localizaria o Ribeiro Couto das cidadezinhas do interior, sedearia o Manuel Bandeira para uma fala de poeta (caboverdiano) a poeta (brasileiro) e encontraria o Dr. Jorge de Lima para a consulta de poeta (caboverdiano) com receita de poeta (brasileiro).

Fica, assim, selada uma correspondência em estima literária entre Cabo Verde e o Erasil, pelo correio diplomático-poético dessa forma inaugurado.

Enquanto Jorge Barbosa adere, sem restrições, à poética de Bandeira, outro poeta de Cabo Verde, Ovídio Martins, se manifestaria, depois em resistência, numa coleção de poemas juntados com o título "Gritarei, Berrarei: Não Vou Embora para Pasárgada".

# ESTENDEM-SE E ENCONTRAM-SE AS MÃOS DAS LITERATURAS DO BRASIL E DE CERTA ÁFRICA

Em franca alusão ao poema brasileiro, situa-se, como outros poetas caboverdianos, numa linha de definir, anti-evasionista.

O poema-baliza dessa antologia, "Anti-evasão", é breve, enxuto, no ritmo discursivo de uma profissão de fé: "Pedirei / Suplicarei / Chorarei / Não vou embora para Pasárgada / Atirar-me-ei ao chão / e prenderei nas mãos convulsas/ervas e pedras de sangue // Não vou embora para Pasárgada // Gritarei/Berrarei/Matarei / Não vou para Pasárgada".

Trata-se, então, de um texto que se defronta com outro texto, organizado numa relação de intertextualidade programada com o Bandeira. Enquanto se preserva o significado do grande elemento recorrente — Pasárgada —, que carrega, pois, para o contexto do caboverdiano a conotação do brasileiro, inverte-se, porém, a relação poeta-Pasárgada; troca-se o sinal de complacência bem-humorada, apostrofo por Bandeira, pelo de exortação, recordando Martins, no afã de descaçar qualquer abertura de espírito ao campo da consciência vigilante.

A mesma ponte literária, que se preservou para Cobo Verde, ver-se-á reconhecida e assumida entre os escritores negros, ou brancos e mestiços que, em 1948, fundariam o movimento "Vamos Descobrir Angola", como o que ocorreria no Brasil de 22.

Mário de Andrade, o angolano, ao sumarizar os objectivos do movimento, apresentou-os num discurso que faz lembrar outros, como os desencadeados na esteira do Mário de Andrade brasileiro:

"O movimento incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através de um trabalho colectivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as criações positivas válidas; exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas".

Ao reproduzir esse projecto, em seu *Roteiro da Literatura Angolana*, Carlos Ervedosa o complementa, com o balanço sobre as ressonâncias do Modernismo de cá, sobre as nascentes literaturas de lá. Os jovens talentosos e cultos espalhados por Luanda e pelos centros universitários de Lisboa e Coimbra "sabiam muito bem o que fora o modernismo brasileiro de 1922. Até eles havia chegado, nítido, o grito do Ipiranga das artes e letras brasileiras e a lição dos seus escritores mais representativos, em especial Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado, foi bem assimilada".

Mais recentemente, Costa Andrade, prosador, poeta e ensaísta angolano, ao cuidar da "Literatura Angolana: Uma Visão Sócio-Histórica", recorda, também, a receptividade da literatura vanguardista do Brasil modernista, entre os angolanos:

"Se na fase clandestina a expressão poética escrita em português foi buscar formas ao outro lado do Atlântico, a Pablo Neruda, Nicolás Guillén, principalmente, e a prosa a Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, a fase de apelo e de protesto, que viu ainda em Neruda, Lorca, em Paul Eluard e Mayakovski fontes de forma e estilo, libertou-se pouco a pouco. Hoje na fase de independência, nestes cinco anos, assiste-se a uma literatura de afirmação de angolidade como estádio Cultura Nacional, onde, como influência externa, podemos individualizar esse monumento lingüístico-literário que é o brasileiro Guimarães Rosa".

No plano de afectivação literária, a decantada aproximação à literatura brasileira confirma-se, desde logo, entre os vanguardistas "Descobridores de Angola". Assim, é Maurício de Almeida Gomes, de "É Preciso Inventar a Poesia de Angola" que toma como mote estes versos ancorados na perspectiva literária do Modernismo que se irradiava do Brasil:

## EXORTAÇÃO

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira, poetas do Brasil, do Brasil, do Brasil, disseram:

— É preciso criar a poesia brasileira, de versos quentes, fortes como o Brasil, sem-macaquear a literatura lusitana.

Angola grita pela minha voz pedindo a seus filhos nova poesia!"

Portanto, são nítidas as afinidades da literatura angolana com a brasileira; estão declaradas a ponto de um poeta angolano, Mário António, "dialogar em um dos seus poemas com Jubilabé e do ficcionista Luandino Vieira, "com a influência dos macunafimas e sagaranas", afirmar, em seu "angolanês", o carácter de ruptura com a linguagem metropolitana".

Em resumo, o denunciado intercâmbio modernista, da literatura brasileira com as africanas de expressão portuguesa está à espera dos que queiram juntar informações, levar o exame até a maior intimidade dos textos literários.

Assim, posta a questão, valeria a pena reunir três textos poéticos ilustrativos — um brasileiro, um caboverdiano e um angolano aproximados pelo denominador-comum da sondagem de uma identidade nacional. E, por isso mesmo, peculiares de cada uma das respectivas literaturas; vale dizer, dos povos em que elas se contextualizam.

Tome-se no Brasil, entre tantos poetas/poemas modernos que apalparam o "ser brasileiro", o Jorge de Lima de "Democracia":

À sombra do "brasão" político do título — que simbolizaria as tendências

ou aspirações do cidadão nacional — organiza-se o universo poético em sequências que se poderiam entender como de intenção-causa, ato e efeito, oferecendo o poeta, na própria escrita "in fieri", sua imagem, sugerida de inspiração whitmaniana, à contemplação do "ser poeta brasileiro". Numa enumeração de sucessivas investidas sobre seu corpo e alma argamassa-se a substância da biografia poética que se erige sobre os imprevistos de um inventário mestiço e se canaliza para a instância final de auto-identificação. Aí o poema alcança o desejo mais profundo, primitivo de sobrevivência desse mesmo corpo e alma nacional tão plenamente insinuadas na amorabilidade brasileira em que se envolvem, no desfecho do poema, os constituintes étnicos da nacionalidade.

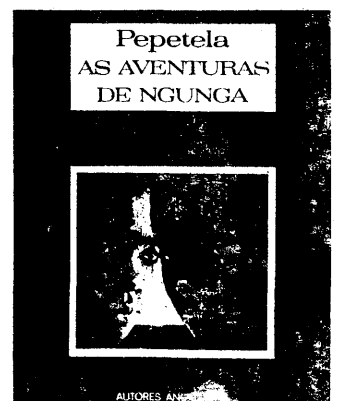
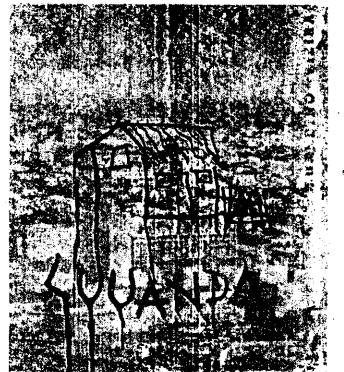
Os versos fluem contínuos, em linha reta, o caminho mais curto para o poeta salvar sua "alma benzida" e seu "corpo pintado de urucu, tatuado de crúzes, de mãos-ligadas, / de nomes de amor / todas as línguas de branco, de mouro ou de pagão".

A "democracia" do-artista alagoano assenta-se, então, na convergência indescartável dos fluxos étnicos que alimentam a corrente circulatória brasileira. E, nas inscrições que vão cobrindo a tábua rasa da consciência anacional, o poema formaliza um vale-tudo neste quadro de culturas que se atravessam, um à-vontade de fios autóctones ou estrangeiros que vão tecendo o "imbroglio cultural, particularizador de sua gente.

Essa descida ao poço do "ser como tal" não foi menos grata aos poetas africanos pioneiros do "Vamos Descobrir a África".

Invoque-se a obra do já citado poeta caboverdiano-Jorge Barbosa, toda ela de rastreamentos, no encaixo de uma identidade nacional. Seja logo o poema de rosto, "Panorama", da primeira de suas três coletâneas poéticas, *Arquipélago*.

A proposta do sujeito poético é a do navegador que se acerca de seu porto pretendido, a terra caboverdiana, na aventura de descoberta, à chegada. O conjunto ilhéu desvenda-se por progressivos movimentos de aproximação: no "close" inicial, as imagens veladas descrevem alguma coisa como a proto-matéria do mundo caboverdiano, ainda, indiferenciado e desarticulado, de fragmentos informes que se vão recortando nas ilhas-signos de clausura da terra, onde se delineia, por fim, os montes evocadores de dramas milenares, e praias desertas que, neste processo lírico de reversão histórica, aparecem, profeticamente, abertas ao "apport" humano que o último tempo do discurso poético cumprirá, decompondo-o nas facetas sucessivas do conjunto histórico: marinhos, corsários, escravos, aventureiros, condenados, fidalgos, negreiros, donatários de ilha, capitães-mor.



# OS PRINCÍPIOS DE UMA CONVIVÊNCIA LITERÁRIA

**JOSÉ  
LUANDINO  
VIEIRA  
MACANDUMBA**



Fecha-se, assim, o pano da escrita, onde os signos seletos do tópico histórico-geográfico combinam-se no arranjo mítico para o quadro do "genesis", com o caos inicial definindo-se nas formas caboverdianas, por intervenção do pensamento ativo do poeta que talha e recorta como demiurgo sua proposta de renascimento poético de Cabo Verde.

Por fim, leia-se o poema "Mamã-Negra", do poeta angolano Viriato da Cruz.

Em "Mamã-Negra", a identificação nacional — como ocorrerá genericamente nas literaturas do mesmo continente — processa-se pela travessia do percurso étnico, onde cresce, na consciência de pátria, a memória da raça, configurada na diáspora africana que pode, como neste texto de Viriato da Cruz, estar sediada na imagem materna.

A unidade dramática da expatriação intensifica-se na pluralidade eventual, pela transposição de várias situações históricas que fazem coro à realidade extra-literária.

E a mãe, receptáculo e matriz da vida, aqui entendendo-se em africanidade, símbolo de uma comunidade de raça, ou modelo das possibilidades contidas em certo estado de existência aparece como umbigo do mundo dos angolanos, a partir do qual se traçam as linhas centrífugas da rosa dos ventos dos negros de África, abrigando, entretanto, os signos de uma ambivalência: de culpa e resgate, de discriminação e de comunhão humana que o discurso poético desembaraça, definindo, entre passado e futuro, o estádio de espectativas onde se situa o poeta de Angola.

Em cada caso, entrevê-se nos poetas — embalados por um motivo afim — o gesto literário dos rapsodos, de confundirem a sua identidade de artista na justa coincidência com a de seu povo.

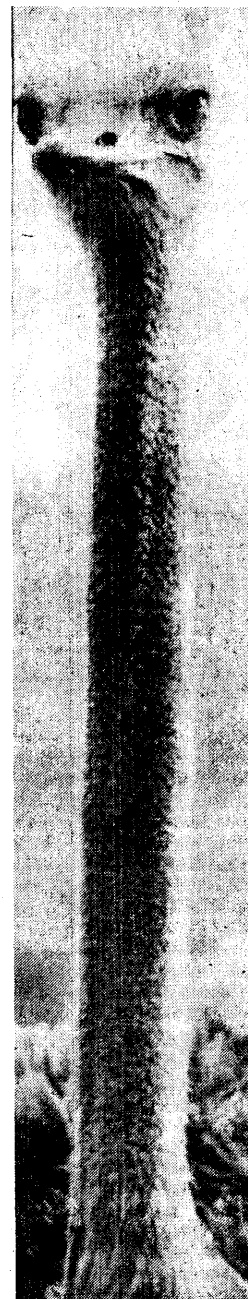
Por outras palavras, é como se a poesia de seu povo fosse a voz dos poetas, aspecto que os aproxima e, ao mesmo tempo, os singulariza, na maneira de cada qual sustentar, com propriedade, sua distinta aventura.

Assim, sobre seus próprios pés, por exercício dos passos próprios, escritores brasileiros e africanos ensaiam uma ciranda literária. Estendem-se e encontram-se as mãos das literaturas do Brasil e de certa África.

Neste concurso natural de individualidades, de sujeitos e objectos específicos, emparelhados no motivo comum, é que a gente escritora "de expressão portuguesa" da América e da África, senhora cada qual de seu corpo e alma, abebera-se da autonomia poética, conseguida, quem sabe, pela liberação que a auto-análise do "ser nacional", poeticamente consumada nas letras modernas, facultou.

Visto isso, aí estarão os princípios de uma convivência literária espontânea, viabilizando rever, quem sabe também, em sua estabilidade e exorcizada dos fumos da dependência, a memória comum dos povos.

**ALARGUE  
O SEU  
HORIZONTE...**



A Tabacaria Tem Tudo preze-se em anunciar a vasta gama de livros nacionais e estrangeiros à venda no seu escaparate, fornecidos pela ENDIPU, EDIL e União dos Escritores Angolanos.

**VISITE-NOS!**

**Os jovens  
talentosos e  
cultos espalhados  
por Luanda e  
pelos Centros  
Universitários  
de Lisboa e  
Coimbra sabiam  
muito bem o que fora  
o Modernismo  
Brasileiro**